

DE CARRINHO PELA CIDADE: DA RUA AO SKATEPARKA

Reinterpretação de equipamentos urbanos para
a prática do skate no espaço público

Laura Fernandes
Maria Isabel Imbronito
Eneida De Almeida
Univerdidade Sao Judas
Tadeu

RESUMO | O skateboarding tem sido uma prática recorrente na cultura urbana e, nessa condição, tem contribuído para novas formas de uso e configuração do espaço urbano. Embora essa experiência seja comumente associada à apropriação de espaços públicos, sua relação com a cidade vai além do simples uso dos espaços urbanos. Este trabalho tem o objetivo de compreender a relação entre o skate, cidade e espaço público sob três perspectivas: a relação do skatista com a cidade vivida; a disposição dos elementos urbanos em ambientes destinados ao skate, ou em ambientes apropriados pelo skate; a influência da prática do skate na identidade e cultura urbana. O estudo de caso detém-se na análise de lugares vinculados à prática do skate de Porto Alegre. Metodologicamente, propõe uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, sobrepondo lentes diversas, aptas a contribuir para a apreensão da complexidade da dinâmica urbana e de seus praticantes, para além de saberes especializados.

Palavras chave: Skate e a cidade, reinvenção do espaço público, skate e ocupação do espaço.

ABSTRACT | Skateboarding has been a recurring practice in urban culture and, as such, has contributed to new ways of using and configuring urban space. Although this experience is commonly associated with the appropriation of public spaces, its relationship with the city goes beyond the simple use of urban spaces. This work aims to understand the relationship between skateboarding, the city and public space from three perspectives: the skateboarder's relationship with the city they experience; the arrangement of urban elements in environments intended for skateboarding, or in environments appropriated by skateboarding; the influence of skateboarding on urban identity and culture. The case study focuses on the analysis of places linked to the practice of skateboarding in Porto Alegre. Methodologically, it proposes a bibliographical review of an exploratory nature, overlapping different lenses, capable of contributing to understand the complexity of urban dynamics and its practitioners, in addition to specialized knowledge.

Keywords: Skateboarding and the city, reinvention of public space, skateboarding and occupation of space.

Introdução

Em cada cidade há picos, obstáculos e espaços urbanos destinados, ou não, para os skatistas, frutos da interação entre o esporte e a cidade. Na cultura do skate, os “picos” são locais não projetados para esse fim, mas escolhidos pelos skatistas como locais em que eles se reúnem para vivenciar essa prática. Esses são espaços que ganham uma identidade própria, configuram lugares de pertencimento e resistência cultural, associada ao uso não autorizado, mas reivindicado pelo grupo. Nessas circunstâncias, ocorre um uso improvisado, que concorre com outros usos e pode suscitar conflitos com outros usuários e pedestres, que circulam e utilizam esses espaços como pontos de encontro e socialização, mas não compartilham da prática de skate.

As locações escolhidas pelos skatistas para a prática do esporte são lugares pertencentes à cidade que oferecem obstáculos e desafios para a execução de manobras e que, ao longo do tempo, tornam-se pontos de encontro e interação entre skatistas. Picos são, portanto, espaços eleitos como locais de pertencimento, afirmação de modos de vida e identidade dos praticantes.

O skate, sendo um esporte que tem suas raízes no asfalto e nas ruas das cidades, desbrava seu desenvolvimento como forma de expressão urbana emblemática: em um contexto de transformações culturais e políticas globais, a emancipação do skate não somente surge como uma atividade física, mas como resposta criativa e coletiva aos limites impostos pela cidade moderna. Da mesma forma, a cultura do skate incorpora elementos específicos da cidade - como as ruas, praças e edifícios - criando uma estética e identidade próprias.

A ideia de que a cidade pode ser um grande skatepark se materializa na forma de lugares adaptados ou construídos especificamente para o skate, como as pistas de skate e os skateparks. Como afirma Iain Borden, “um skatepark nunca se parece com outro, e isso é parte da diversidade emocionante da cultura do skate” (Borden, 2001).

Em relação à construção dos espaços urbanos destinados ao skate, pode-se observar uma clara incidência da prática do esporte na configuração das cidades, como destacado por Iain Borden (2001). De acordo com o autor, a construção de equipamentos específicos para a prática do skate, como bancos e escadas, foi influenciada pela necessidade dos skatistas de terem espaços próprios para a prática do esporte. Esses equipamentos não apenas atendem à demanda dos skatistas, mas também são formas de reprodução de elementos encontrados na cidade e que já serviam como um ponto de encontro para a comunidade skatista, reforçando a identidade urbana do local.

Essas novas alternativas apontam para as modalidades contemporâneas de interpretação da cidade e para novas perspectivas de atuação menos previsíveis, menos ortodoxas, cartesianas, mostrando-se, pelo contrário, mais flexíveis, criativas e mais aderentes à dinâmica da vida cotidiana.

Por fim, é importante destacar como a prática do skate tem impacto na ocupação e utilização do espaço público. A relação entre skate e cidade é bastante complexa e vai além do uso dos espaços públicos para a prática do esporte. Skatistas são capazes de influenciar a forma como a cidade é construída, expressando a sua cultura e identidade e resistindo à imposição de regras e

limitações do uso do espaço urbano.

1. Referências teóricas enquanto chaves de leitura para práticas espaciais

Relacionar referências teóricas de diferentes campos do saber permite esquadrihar e aproximar posicionamentos que contribuem para a compreensão de fenômenos recorrentes na cidade contemporânea, em conexão com as práticas de skatistas no espaço urbano.

José Guilherme Magnani (1992), sob a ótica da antropologia urbana, observa que, em estudos para os quais a dimensão espacial é relevante, o local de pesquisa passa a ser uma variável importante a se considerar, exigindo estabelecer recortes, fronteiras, além de unidades de análise, a partir da observação de descontinuidades da paisagem urbana produzidas por diferentes modalidades de uso e apropriação do espaço. Para tanto, sublinha Magnani, é necessário dispor de categorias que permitam explorar as relações entre determinadas práticas coletivas e suas formas de inserção no espaço. Na prática do skate, “pedaço”, “mancha” e “pico” são algumas dessas categorias mencionadas por Magnani que se evidenciam durante a interação entre o esporte e a cidade. Se algumas formas de ocupação dos “pedaços” exigem negociação entre os seus frequentadores, o mesmo acontece com os “picos”, locais não projetados para esse fim, mas escolhidos pelos skatistas para o exercício dessa prática. São espaços que, a partir da sua apropriação por skatistas, configuram lugares de pertencimento e de resistência cultural desses grupos, que concorrem com outros usos, o que pode suscitar conflitos com usuários e pedestres, que circulam e utilizam esses espaços como pontos de encontro e socialização, mas não compartilham da prática de skate.

Michel De Certeau (1998), ao se interessar pelas práticas cotidianas como modos de ação, distancia-se de métodos e discursos universalizantes, supostamente objetivos e científicos. Nesse sentido, é oportuno retomar os processos analíticos de que dispõe o autor, como a imagem da visão panorâmica da torre – enquanto recurso regularmente adotado pelo planejamento urbano para ordenar o espaço –, da qual se avista o todo, encerrando uma visão cartográfica da cidade, apartada do cotidiano, para contrapor-la às práticas espaciais que se expressam por meio do caminhar, ou seja, do corpo a corpo do pedestre com a cidade, enfrentando suas rugosidades e opacidades. Revisitar a invenção do cotidiano, de Certeau, possibilita entender as “artes do fazer” como exercícios de liberdade e de criatividade, dois elementos que certamente podem ser associados à prática do skate.

Lefebvre (2001), de certo modo, apresenta afinidades com a abordagem de Certeau, na medida em que também discute a produção do espaço urbano para além das lógicas totalizantes. Se, por um lado, sinaliza sua condição de locus privilegiado para a reprodução das relações capitalistas, por outro, assinala a possibilidade de se revelar como lugar de resistência e de superação criativa e de ampla reivindicação de direitos. A produção do espaço, para o autor, deve ser observada por meio de três lentes que focalizam: o espaço percebido (prático-sensível), mediado pelo corpo; o espaço concebido (abstrato-mental), engendrado e autorizado pelos urbanistas; e o espaço vivido (relacional-socializado), experienciado pelos habitantes, é o espaço do interdito e da subversão, ao mesmo tempo.

Nos termos de Lefebvre, a conjugação dessas lentes oferece a perspectiva de superar as análises parcelares do espaço urbano que levariam a um modelo fechado e acabado, insuficiente para apreender a complexidade da dinâmica urbana e de seus praticantes, em direção a uma saída de interação e cruzamentos de saberes especializados.

2. A relação do skatista com a cidade vivida e a urbe como um grande skatepark

O skate é uma prática urbana que toma a cidade como espaço de intervenção e criação. Em sua relação com o ambiente urbano, o skate desvela a cidade vivida de Henri Lefebvre, que é a dimensão subjetiva e sensível da cidade, permeada por diferentes experiências e percepções individuais e coletivas.

O ato de andar de skate implica em uma forma de habitar a cidade, em que os skatistas constroem seus traçados e caminhos próprios, desenhando linhas que cruzam diversos tipos de espaços urbanos, desde os mais formais e planejados, até os mais informais e improvisados. Nesse processo, o skate reivindica seu direito à cidade, ao espaço público e ao usufruto de lugares inusitados que, muitas vezes, são marginalizados ou negligenciados pela gestão das cidades.

Dessa forma, o skate é uma prática que evidencia a complexidade e a diversidade da cidade vivida, que é a soma dos hábitos, costumes, memórias e emoções que caracterizam a experiência urbana. A cidade vivida é sentida e vivenciada pelos seus habitantes, o que pode determinar sua apropriação e resignificação. Resignificação essa que passa pelo campo de habitar a cidade e usufruir dos elementos que estão nela disponíveis, fazendo assim que ruas se transformem num grande skatepark (Fig. 01).

Em tal perspectiva, de acordo com Machado (2014), “um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível ao outro, mas para ser pulada. Uma escultura não é só para ser olhada e apreciada, mas ao contrário, pode servir como uma inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, as bordas, as placas de trânsito etc.” (Machado, 2014: 14)



Fig.01 Skatista fazendo o uso de hidrante como obstáculo. Imagem: Guilherme Almeida Fonte: Instagram

Ao olhar para a cidade com os olhos do skatista, encontram-se possibilidades de ressignificação da cidade e de seus espaços. Assim, da mesma forma que constroem suas próprias trajetórias, o processo de construção da cidade também é dinâmico e pode ser transformado por ação dos seus habitantes. O skate apresenta-se, assim, como um ato político em que o corpo se apropria da cidade e reivindica seu espaço para a prática de uma cultura urbana que enriquece e transforma a cidade vivida.

Em Porto Alegre, é possível encontrar diversas opções para a prática do skate, desde espaços históricos até locais mais desconhecidos, que atraem praticantes por certas características dos pisos e níveis de dificuldade de obstáculos encontrados. A cidade é vista como um grande skatepark pelos skatistas locais e isso contribui para a popularidade do esporte no âmbito urbano.

Partindo do conceito de Debord (1997), a cidade-espetáculo é uma concepção da sociedade urbana que se desenvolve a partir da perspectiva da espetacularização das relações sociais, do consumo e da cultura. Nessa concepção, a cidade assume o papel de palco para a realização desse espetáculo, transformando-se em um conjunto de espaços públicos e privados projetados para exibir as mais variadas formas de entretenimento e consumo. Durante a utilização da cidade para a realização de manobras pelo skatista, a cidade é explorada sob novas formas, dando visibilidade ao efêmero, ao transitório, ao comportamento não programado.

3. A construção e disposição dos elementos urbanos em ambientes destinados ao skate

A construção de skateparks consiste em uma forma significativa de valorização da cultura do skate e da utilização do espaço público pela comunidade de skatistas. Esses locais são fundamentais tanto para o fortalecimento da comunidade como para proporcionar a experiência de um design único, utilizando elementos da arquitetura local para oferecer uma experiência autêntica aos skatistas. A ideia foi equilibrar a natureza e a arquitetura da cidade, já que se encontra em um dos pontos turísticos mais importantes da cidade. A incorporação de rampas, transições e bancos inspirados em locais emblemáticos oferecem um ambiente autêntico e acessível ao esporte, permitindo que os skatistas realizem manobras que de outra forma seriam executadas nas ruas.

Segundo Marcelo Gazen, secretário municipal de Infraestrutura e Mobilidade Urbana, em entrevista publicada no site da prefeitura em 15 de maio de 2021, a construtora responsável pelo projeto levou em consideração elementos consagrados de espaços urbanos existentes que atraem praticantes, incorporando em sua execução três equipamentos simbólicos: o corrimão da Câmara Municipal (Fig. 02), a ponte ondulada da Praça Itália (Fig. 03) e os bancos do calçadão de Ipanema (Fig. 04), reinterpretados de forma criativa. Enquanto na grande maioria das pistas de skate os projetos não são levados a cabo por profissionais capacitados na área, o projeto em questão resultou da união de dois escritórios especializados na construção de pistas de skate: Rio Ramp Design e Spot Skatepark.



Fig. 02 Reprodução da escadaria e corrimão da Câmara Municipal de Vereadores da cidade, local que já foi palco para a realização de campeonatos, sendo utilizada pela tribo skatista em local skatável, trecho 4 da Orla do Guaíba. Imagens cedidas pela Spot Skatepark



Fig.03 Skatista utilizando o obstáculo criado na pista de skate em alusão a ponte da Praça Itália. Fonte: Spot Skatepark



Fig. 04 Reprodução do banco existente na Zona Sul no qual skatistas utilizam para a execução de manobras. Imagens cedidas pela Spot Skatepark

O escritório da Spot Skatepark é formado, em sua maioria, por arquitetos e construtores skatistas residentes na cidade, capazes de identificar os elementos cruciais para a construção de um espaço adequado à prática do esporte.

A replicação de elementos urbanos na pista pela Spot favorece a experiência autêntica da prática do skate, ilustrando como a compreensão acerca do esporte é indispensável para a construção de um espaço exclusivo e moderno. Marcus Cida, concedendo entrevista à revista 100% Skate, afirmou que o acompanhamento das obras por skatistas é primordial para a construção de pistas de qualidade.

Considerações finais: a influência da prática do skate na identidade e cultura urbana por meio dos skatistas

Os skatistas demonstram uma consciência do ambiente construído e percebem a cidade e seus elementos físicos de maneira diferente dos pedestres. Por intermédio da sua prática, transformam algumas das funções preconcebidas em novos usos, de acordo com Borden (2003). Dessa forma, o skatista passa a ser um agente transformador da cultura urbana participando ativamente da cidade vivida, por meio de suas práticas. O conceito de cidade vivida, de Henri Lefebvre, refere-se à experiência urbana concreta do indivíduo, em oposição à cidade concebida e planejada pelos poderes institucionais. Nessa perspectiva, a cidade vivida é uma construção social, coletiva e o espaço urbano apropriado e ressignificado pelos seus habitantes. De carrinho (nomenclatura informal para designar o skate), esses agentes transformadores da cidade criam novas utilizações e interferem na paisagem apropriando-se de recortes da urbe.

Os skatistas constituem grupos que utilizam a cidade de maneira não convencional e exploram as possibilidades do espaço urbano de forma autônoma. Para eles, a cidade é um território a ser descoberto, com diversos elementos arquitetônicos e estruturas urbanas que podem ser transformadas em pistas de skate.

Assim, a relação entre a cidade vivida de Lefebvre e a utilização da cidade por skatistas dá-se na medida em que ambos buscam uma relação criativa e participativa com o espaço urbano. Enquanto a cidade concebida tenta controlar e padronizar a experiência urbana, os skatistas, ao integrarem-se à cidade vivida, exploram e ressignificam-na, criando novas formas de interação, ocupação e apropriação. Ao apropriarem-se do espaço urbano concretizam uma forma de resistência e de reivindicação da cidade como construção social.

Seja nos picos ou skateparks, evidencia-se uma forte influência da prática do skate na identidade e cultura urbana. Os skatistas, ao ocuparem espaços públicos destinados a outras finalidades, impõem novas dinâmicas de uso, muitas vezes transformando lugares desprezados e abandonados em locais de encontro e lazer.

Concluindo, podemos afirmar que o skate transcende a prática de uma atividade esportiva, sendo uma forma de ocupação e apropriação do espaço urbano pelos seus praticantes. A relação entre o skatista e a cidade constitui uma simbiose, segundo a qual ambos se influenciam mutuamente. Contudo, é possível perceber que ainda existe uma falta de compreensão por parte de autoridades e da população em geral sobre o valor do skate como atividade cultural e urbana. O preconceito e a discriminação contra skatistas muitas vezes impedem que espaços públicos sejam abertos para a prática do skate, limitando o desenvolvimento do esporte e a interação dos skatistas com a cidade.

Assim, é necessária uma mudança de mentalidade por parte dos gestores públicos, reconhecendo a importância do skate como uma forma de ocupação saudável do espaço urbano e incluindo políticas públicas que valorizem e incentivem a prática do esporte. Além disso, é importante a conscientização da população sobre a cultura do skate e a importância do respeito aos skatistas como ocupantes legítimos da cidade.

Compreender e valorizar a relação entre skatista e cidade é fundamental para a construção de uma cidade mais inclusiva, democrática e viva. A cidade como espaço de convivência e desenvolvimento humano também é espaço de prática esportiva e cultural, e o skate é um exemplo dessa relação simbiótica.

Bibliografía

BORDEN, I. (2019). Skateboarding and the city: A complete history. London: Oxford: Bloomsbury Visual.

CERTEAU, M. de. (2014). A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes.

DEBORD, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo (Tradução de Estela dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto.

LEFEBVRE, H. (2006). A produção do espaço (Tradução de Doralice B. Pereira & Sérgio Martins, do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Recuperado de http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf. Acesso em: 13 de março de 2023.

MACHADO, G. (2014). De carrinho pela cidade: A prática do skate em São Paulo. São Paulo: Intermeios, FAPESP.

MAGNANI, J. G. C. (1992). Da periferia ao centro: Pedacos e trajetos. São Paulo: Edusp.

XVI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo / Cristina Araujo Lima...
[et al.] ; Contribuciones de Josefina Dámaris Gutiérrez ; Compilación de Mónica S.
Martínez. - 1a ed compendiada. - Córdoba : Editorial de la Facultad de Arquitectura,
Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba ; Cataluña : Universitat
Politecnica de Catalunya, 2024.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-8486-61-1

1. Urbanismo. I. Araujo Lima, Cristina II. Gutiérrez, Josefina Dámaris, colab. III. Martínez, Mónica S., comp.

CDD 711.007